

A IGREJA EM MISSÃO E A JUSTIÇA AMBIENTAL: UMA VISÃO SOBRE O PAPEL ECOLÓGICO DA IGREJA

Jesus Coragem Abel, Bacharel em Teologia, Graduado em Enfermagem, Mestrando em Missiologia, Professor de Teologia no Instituto Teológico do Moxico, Professor de Enfermagem no Instituto Técnico de Saúde do Moxico e no Instituto Superior Politécnico do Moxico – Angola. Líder da Juventude na Primeira Igreja Batista do Moxico – Angola.
ORCID: 0009-0009-8212-9839

A IGREJA EM MISSÃO E A JUSTIÇA AMBIENTAL: UMA VISÃO SOBRE O PAPEL ECOLÓGICO DA IGREJA

Resumo

O presente artigo aborda sobre como a igreja missional compreende o seu papel ecológico a partir do prisma da *Missio Dei*. Nos tempos atuais, o capitalismo selvagem deu lugar a exploração desmedida dos recursos naturais, a criação de inúmeras indústrias poluentes que resultam na produção em massa de vários bens e serviços tendo em vista o lucro a todo custo. Em contrapartida, os grupos sociais marginalizados são os que mais sentem os impactos directos resultantes da presença desses empreendimentos. À luz disso, qual é o papel da Igreja frente às questões ambientais, e como o conceito da *missio Dei* pode despertar a igreja para um maior engajamento no cuidado do meio ambiente? O artigo sustenta que a *Missio Dei* é a chave hermenêutica para a compreensão da História da Redenção. Portanto, a igreja é apresentada como a miniatura e a guardiã do Jardim, por isso, é necessário que ela se envolva através de acções concretas voltadas ao cuidado do meio ambiente.

Palavras-Chave: Igreja Missional, Justiça Ambiental, *Missio Dei*, Meio Ambiente.

Abstract

This article discusses how the missional church understands its ecological role from the perspective of *Missio Dei*. In current times, wild capitalism has given way to the excessive exploitation of natural resources, the creation of countless polluting industries that result in the mass production of various goods and services with a view to profit at all costs. On the other hand, marginalized social groups are those who most feel the direct impacts resulting from the presence of these enterprises. In light of this, what is the role of the Church in relation to environmental issues, and how can the concept of *missio Dei* awaken the church to greater engagement in caring for the environment? The article argues that the *Missio Dei* is the hermeneutical key to understanding the History of Redemption. Therefore, the church is presented as the miniature and guardian of the Garden, therefore, it is necessary for it to get involved through concrete actions aimed at caring for the environment.

Keywords: Missional Church, Environmental Justice, Missio Dei, Environment.

INTRODUÇÃO

O assunto da urgência climática, aquecimento global e sustentabilidade domina quase todas as manchetes dos jornais e noticiários ao redor do mundo. Nesta nova conjuntura a igreja também precisa reconsiderar sua atuação missionária e assumir seu papel como guardiã dos valores bíblicos, incluindo o cuidado com toda a criação. Na atualidade presenciamos o quanto a ganância tem resultado em exploração desmedida dos recursos naturais, a criação de inúmeras indústrias poluentes que resultam na produção em massa de vários bens e serviços tendo em vista o lucro a todo custo.

Em contrapartida, em muitos casos as indústrias e os dejectos são instalados em zonas habitadas por grupos sociais marginalizados que sentem os impactos directos resultantes da presença desses empreendimentos, enquanto que os proprietários habitam em locais livres desses impactos. Percebe-se cada vez mais que o nível de poluição ambiental é extremamente preocupante em todo o mundo. Então, qual é o papel da Igreja frente às questões ambientais, e como o conceito da missio Dei pode despertar a igreja para um maior engajamento no cuidado do meio ambiente? O artigo sustenta que existe uma interconexão entre a missio Dei e a Justiça ambiental, de tal sorte que seria incoerente se uma igreja afirmasse ser missional sem uma preocupação com a causa da justiça ambiental.

A igreja é apresentada como a miniatura e a “guardiã do Jardim”, por isso, é necessário que ela se envolva na missio Dei através de acções concretas voltadas ao cuidado do meio ambiente.

O CONCEITO DE MISSIO DEI E SEUS DESDOBRAMENTOS NA COMPREENSÃO DO PAPEL DA IGREJA

O conceito de Missio Dei é a chave hermenêutica para a compreensão da Grande História – a História da Redenção.

Todo o desenrolar da história bíblica gira em torno da Missão. Nascimento sublinha que “até o século 16, o termo “missão” era usado para se referir à doutrina da Trindade”¹, no sentido de que “Deus envia seu Filho, e Pai e Filho enviam o Espírito.”² Mais tarde, surge um terceiro elemento atrelado ao conceito da *missio Dei* – a Igreja. Isto é, se o Pai envia o Filho e ambos enviam o Espírito, a Trindade por sua vez envia a Igreja ao mundo.

O termo “missão” foi primeiramente utilizado pelos jesuítas “para se referir à difusão da fé cristã entre pessoas, incluindo protestantes, que não eram membros da Igreja Católica.”³ Nesse sentido, o termo tinha uma implicação expansionista e colonial.

Por muitos séculos a Igreja colocou a missão na área da eclesiologia e a confundiu com missões, por isso, só nas primeiras décadas do século XVII é que se começa a dar ênfase a teologia da missão. Ronaldo Lidório, destaca que o “primeiro teólogo pós reforma a sistematizar a teologia da missão, sendo reconhecido como primeiro missiólogo protestante foi o teólogo holandês Gisbertus Voetius”⁴, que viveu entre 1588 – 1676. Segundo Bosch, “Voetius defendia a opinião de que a base da missão era primordialmente teológica - emanando do próprio âmago divino. Por isso, é possível classificá-lo, com justeza, como um dos primeiros expoentes daquilo que hoje se conhece como *missio Dei*”⁵.

Em termos conceituais, Bosch define a *Missio Dei* como “a auto-revelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo, a natureza e atividade de Deus, que compreende tanto a igreja quanto o mundo, e das quais a igreja tem o privilégio de participar.”⁶ Ele apresenta a missão como sendo o “sim ” e o “não” de Deus ao mundo.

¹ NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização*: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015, p.34.

² VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: Introdução a uma teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

³ NASCIMENTO, 2015, p.34.

⁴ LIDÓRIO, Ronaldo. *Missiologia Teocêntrica e Trinitária*: Observando a missiologia de Gisbertus Voetius e suas aplicações para os nossos dias. Artigo. P.1

⁵ BOSCH, David J. *Missão Transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. 4ª Ed., São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 313,4.

⁶ Idem, 2014, p.28.

Em nossa época, o sim de Deus ao mundo revela-se, em grande medida, no engajamento missionário da igreja no tocante às realidades de injustiça, opressão, pobreza, discriminação e violência. Encontramo-nos em grau crescente numa situação verdadeiramente apocalíptica onde os ricos ficam mais ricos e os pobres, mais pobres, e onde a violência e opressão tanto da direita quanto da esquerda estão aumentando. A igreja-em-missão não pode cerrar os olhos a essas realidades, já que “o padrão da igreja no caos de nossa época é completamente político” (Schütz 1930:246).⁷

A missão é também o não de Deus, à medida que ela expressa a “nossa oposição e conflito com o mundo. Se o cristianismo se funde com movimentos sociais e políticos ao ponto de identificar-se completamente com eles, “a igreja tomar-se-á mais uma vez o que se chama de religião da sociedade (...)”.⁸

Para Vicedom, a *Missio Dei*, significa antes de mais nada, que a missão é obra de Deus. Ele é o senhor, o doador da tarefa, o proprietário, o executante. Ele é o sujeito ativo da missão. Se atribuirmos a missão desse modo a Deus, ela está isenta do arbítrio humano.⁹ À luz desse conceito, Vicedom sustenta que “todo o serviço da igreja só tem sentido se levar à missão e nisso encontrar seu objetivo último”.¹⁰ Assim, se a igreja não compreender corretamente o seu papel missional ela corre o perigo de se tornar eclesiocêntrica na sua abordagem missionária.

“Existe o perigo de a Igreja se tornar o ponto de partida da missão, seu objetivo, seu sujeito. No entanto, com base nas Escrituras ela não é isso. Pois o atuante sempre é o próprio Deus triúno, que incorpora seus crentes em seu reino. Também a igreja é apenas um instrumento na mão de Deus. Ela própria é o resultado do Deus que envia e salva.”¹¹

Portanto, Vicedom, defende a necessidade da igreja compreender a si mesma como “instrumento” e como “resultado” da actividade do Deus que envia e salva, por isso,

⁷ Idem, 2014, p.28.

⁸ Idem, 2014, p.29.

⁹ VICEDOM, 1996, p.16.

¹⁰ Idem, 1996, p.15.

¹¹ Idem, 1996, p.15.

“...a missão não é somente obediência a uma palavra do Senhor, não é apenas o compromisso de congregar a comunidade; ela é a participação na missão do Filho, na *missio Dei*, com o abrangente objectivo do estabelecimento do Senhorio de Cristo sobre toda a criação redimida. O movimento do qual somos parte tem sua fonte no próprio Deus triúno.”¹²

Michael Goheen aborda sobre a importância de a igreja ter consciência do propósito da sua existência, do seu carácter missional e exercer influência positiva no seu entorno. Na sua perspectiva, o conceito de Igreja missional precisa ser entendida

“...quando usada para descrever a natureza da igreja... descreve não uma actividade específica da igreja mas a própria essência e a identidade da igreja à medida que ela assume o seu papel na história de Deus no contexto da sua cultura e participa na missão de Deus para o mundo... é a essência da igreja e se reflete na sua acção.”¹³

Para Goheen, a igreja precisa ser missional no seu propósito e na sua forma de atuação. Assim sendo, “missional” “significa definir a comunidade inteira como um corpo enviado e que existe não para si mesma mas para levar as boas novas ao mundo. E esse papel não se resume na evangelização.”¹⁴ Ele defende que “a actividade evangelística deve ser legitimada primeiramente e antes de tudo por uma comunidade que experimenta o poder do evangelho de transformar vidas... nossas palavras também são críveis se forem autenticadas com atos de misericórdia e de justiça.”¹⁵ Essa perspectiva subentende que a igreja deve exercer o papel de promotora da justiça e da misericórdia e se opor à todas as estruturas de poder opressoras.

Por isso, Goheen, alerta para a necessidade de a igreja adotar um modelo de missão centrífugo e não centrípeto, ou seja, que a igreja não centralize sua atenção apenas em si mesma, desprezando desse modo a comunidade que a circunda e os seus dilemas. Ao invés disso, a igreja deve se empenhar em actuar como uma comunidade de contraste, isto é,

¹² Idem, 1996, p.15,6.

¹³ GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia*: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.258.

¹⁴ Idem, 2014, p.258.

¹⁵ Idem, 2014, p.258.

“... uma comunidade de justiça em um mundo de injustiça económica e ecológica; uma comunidade de generosidade e simplicidade em um mundo consumista; uma comunidade de pessoas que contribuem de modo generoso em um mundo egoísta que busca os seus próprios direitos mais que os dos outros; uma comunidade que testemunha humilde e constantemente em um mundo de incertezas; uma comunidade de esperança em um mundo desiludido e saturado pelo consumo; uma comunidade que experimenta a presença de Deus em um mundo secular.”¹⁶

John Stott, também sustenta o mesmo conceito de missão apresentado por Bosch e Vicedom. Ele acrescenta que a Missão

“... não é uma palavra que engloba todas as coisas que a igreja faz. Declarar que “a igreja é missão” soa bem, mas constitui um exagero. Pois a igreja é tanto uma comunidade de adoração quanto uma comunidade de serviço e, conquanto adoração e serviço façam parte um do outro, eles não devem ser confundidos... a “missão” inclui todas as coisas que Deus faz no mundo. Pois Deus, o Criador, está constantemente ativo em seu mundo em providência, em graça e em julgamento, muito além dos propósitos pelos quais ele enviou seu Filho, seu Espírito e sua igreja ao mundo. “Missão” abarca a dupla vocação da igreja de serviço de ser “o sal da terra” e a “luz do mundo”.¹⁷

Christopher White defende que a igreja precisa fazer uma correcta “hermenêutica missional” e não ignorar o Antigo Testamento quando o assunto é a fundamentação da missão. Por causa de uma visão reducionista, muitas igrejas tendem a fundamentar a missão no “Ide” de Mateus 28.18-20, mas ele alerta para o perigo e fragilidade de fundamentar a missão em apenas um texto. Para ele, “a Grande Comissão é uma tarefa que se expande e se reproduz continuamente, não um relógio em contagem regressiva para o fim dos tempos.”¹⁸ Por outro lado, tal como Stott e Bosch, White alerta para a necessidade de não reduzir a missão em termos evangelísticos, pois,

“... mesmo que concordemos em que o conceito de enviar e o de ser enviado estejam no cerne da missão, existe uma vasta gama de actividades sancionadas pela Bíblia, às quais o povo pode ser enviado por Deus para fazer, inclusive o alívio da fome, acções de justiça, pregação, evangelismo, ensino, cura e administração; no entanto, quando usamos a palavra missões e missionários, temos a tendência de pensar principalmente em termos de atividade evangelística.”¹⁹

¹⁶ Idem, 2014, p.259.

¹⁷ STOTT, John R. W. **A missão Cristã no Mundo**. São Paulo: Editora Candeia, 2008, p.30.

¹⁸ WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão de Deus**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.33.

¹⁹ _____. **A Missão do Povo de Deus**. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012, p.30.

Portanto, o conceito de *Missio Dei* como já vimos, traduz-se na acção de Deus de “redimir toda a criação, destruída pelo pecado e pelo mal, tornando-a uma nova criação, povoada pelos redimidos de todas as culturas, através da cruz e da ressurreição de Cristo.”²⁰ Assim, a redenção de toda a criação, inclui também a redenção ecológica.

A QUESTÃO DA JUSTIÇA AMBIENTAL HOJE

Hoje, sem dúvidas, percebe-se que houve um grande avanço da ciência e da tecnologia como nunca antes. Entretanto, paradoxalmente o nosso planeta tem sofrido várias alterações ambientais a uma velocidade galopante. Como consequência deste avanço tecnológico, surgem atrelados a eles os impactos negativos como desflorestação, esgotamento dos recursos naturais, crise económico-financeira, fome, secas, incêndios florestais, aquecimento global, vulcões, terremotos, poluição dos solos e das águas, só para citar alguns. Esses fenómenos quase sempre estão relacionados com o mau cuidado ambiental.

Sem dúvidas, com o advento do capitalismo, o desejo desenfreado pelo lucro independente das consequências se tornou quase normalizado.

Pois, a consolidação do sistema capitalista no início do século XX foi marcada pela inovação na forma de produzir, que gerou acúmulo de capital e o crescimento económico. Um modo de produção avançado que utilizava mais tecnologias, mais recursos naturais e cada vez menos recursos humanos, apresentando como resultados: 1) altos investimentos tecnológicos; 2) alto consumo dos recursos naturais; 3) produção em massa; 4) optimização dos resultados financeiros; e 5) preços mais baixos dos itens de produção em massa, gerando continuamente novo consumo.²¹

Mas como é sabido, o fim último do capitalismo é o lucro a todo custo a despeito das consequências sócio-ambientais. Por isso, torna-se imprescindível abordar a questão da justiça ambiental, sobretudo em relação ao papel missional da igreja.

²⁰ _____. *As Cinco Marcas da Missão*: fazendo nossa a missão de Deus. Publicado por im:press, 2015, p.7.

²¹ BEZERRA, Ana K. Luz. *Justiça Ambiental*: história e desafios. 2018, p.4.

“... justiça significa muito mais do que uma lista de regras. Significa viver um relacionamento correto com os outros, com Deus, com os seres humanos criados à sua imagem e com a natureza. Ela define como devemos tratar os demais, que tipo de comportamento é bom e correto e qual não é...“Fazer justiça” é tratar os outros como seres de valor incomparável e respeitar os direitos que lhes foram dados por Deus. É amar o próximo como a si mesmo.”²²

A justiça ambiental, também chamada de “racismo ambiental”, é um conceito e ao mesmo tempo um movimento contestatório que surgiu nos EUA na década de 80, e que tem vindo a se expandir para outros países nos últimos anos. Inicialmente o termo se referia ao combate à “deposição de lixo tóxico e perigoso predominantemente em áreas de concentração residencial da população negra menos favorecidas.” Enquanto isso, os proprietários de tais empreendimentos habitavam em localidades livres desses impactos ambientais. Por isso, a temática da justiça ambiental traz à tona a necessidade de tratamento igualitário entre as classe sociais.

Dentre os fatores explicativos que contribuem para o racismo ambiental destacam-se: a disponibilidade de terras baratas em comunidades de minorias e suas vizinhanças; “a desinformação, que torna incerta a percepção da relação de causalidade entre a ação dos empreendimentos sobre o meio e os riscos produzidos para as populações;”²³ o desenvolvimento de políticas de conquista da simpatia das populações vizinhas aos empreendimentos a fim de evitar mobilizações que questionem suas condições de funcionamento; a falta de oposição da população local por fraqueza organizativa e carência de recursos políticos; a falta de mobilidade espacial das “minorias” em razão de discriminação residencial (geralmente as minorias têm falta de poder financeiro que as permita se deslocarem para áreas não poluídas); e, por fim, a baixa representação das “minorias” nas agências governamentais responsáveis por decisões sobre as deposições dos dejectos. Ou seja, os mais prejudicados tendem a ser os que menos influenciam nas decisões de impacto ambiental.²⁴

²² ALLEN, Scott David. **Por que a Justiça Social não é a Justiça Bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022, p.39,40.

²³ BEZERRA, 2018, p.9.

²⁴ ACSELRAD, Henri. **Justiça Ambiental e Construção Social do Risco**. p.7. Artigo.

Assim, no contexto da igreja podemos empregar o termo justiça ambiental para se referir à defesa do cuidado do meio ambiente e das populações marginalizadas que experimentam em seu entorno os prejuízos resultantes de políticas ecológicas prejudiciais, sejam públicas ou privadas.

Sem dúvidas, a injustiça ambiental “divide a sociedade entre os que sofrem os danos ambientais e os que deles conseguem escapar.”²⁵ Ela também promove a morte de rios e lagos, desflorestamento, o surgimento de doenças e mortes, “a expulsão das comunidades tradicionais pela destruição dos seus locais de vida e trabalho e a desproporção do impacto ambiental”²⁶ em que os menos favorecidos sofrem mais em relação aos mais favorecidos. Tudo isso e muito mais, configuram-se em consequências da injustiça socioambiental. Porém, em última análise, o descuido da natureza são apenas sinais e sintomas de uma cosmovisão distorcida do ideal divino.

Deus nos permite usar a terra e as árvores para comer frutas e construir abrigos, e os animais para obter alimento e roupa. A humanidade desfruta da prioridade na criação. Mesmo assim, com frequência somos predadores, orgulhosos e egocêntricos. Fomos chamados para administrar a terra; em seu lugar, passamos a explorá-la para obter ganhos egoístas sem considerar os propósitos de Deus. Pisamos sob nossos calcanhares outros seres humanos, incluindo-se as pessoas mais vulneráveis da sociedade. Atormentamos e exploramos os animais, tratamos o ar, plantas e o solo como se não houvesse amanhã.²⁷

A causa última de todas essas injustiças derivam do pecado. O “nosso pecado é má notícia, não apenas para a humanidade, mas para toda a criação.”²⁸ Para a infelicidade da criação, o homem preferiu desobedecer as orientações de Deus e assim, instalou-se o pecado. O pecado afetou o homem tão profundamente que suas ações em relação a Deus, ao próximo, a si mesmo e à natureza passaram a ser inconsequentes. Como consequência do pecado, a terra se tornou num ambiente de exploração, competição e luta pela sobrevivência.

²⁵ Idem, p.13.

²⁶ BEZERRA, 2018, p.2.

²⁷ SANDLIN, P. Andrew. **O cuidado com a criação:** Uma visão cristã do meio ambiente. Ed. Monergismo, Brasília, 2016, p.12,3.

²⁸ Idem, 2026, p.13.

Entretanto, “a boa notícia é que a má notícia não consiste na última notícia.”²⁹ Mesmo em meio a sentença de Deus contra a criação, ele mesmo providenciou os mecanismos de restauração da sua criação. Pois, do ventre da mulher nasceria Jesus, que pisaria a cabeça de Satanás, venceria o pecado e introduziria o começo da restauração da criação, incluindo a regeneração ecológica. “A bondade inerente da criação é essencial para a cosmovisão cristã e, por conseguinte, dita como os cristãos entendem a ecologia.”³⁰ A vitória de Cristo sobre o pecado inclui a

“reversão do primeiro juízo divino e uma bênção adicional: o poder concedido por Deus de nos desviarmos do pecado... a humanidade não é o único objeto da redenção de Deus. Paulo observa que até o meio ambiente “geme como em dores de parto” (NVI), esperando ser redimido da maldição imposta por Deus em razão do pecado da humanidade.”³¹

Portanto, a missão de Deus se resume na restauração de TODA sua criação. E, a Igreja é a instituição privilegiada para fazer parte desse projecto redentivo de Deus.

O PAPEL MISSIONAL DA IGREJA FRENTE À INJUSTIÇA AMBIENTAL

Então, qual deve ser o papel missional da igreja diante das injustiças ambientais?

A compreensão de muitos crentes sobre missões está muitas vezes reduzida à “salvação das almas”, viagens missionárias, abertura de campos missionários e à construção de igrejas. Mas essa é uma visão limitada e superficial, pois, missões não é apenas isso.

Depois de concluída a criação “Deus viu tudo quanto havia criado e eis que era muito bom.”(Gen.1.31a). Até hoje essas palavras ecoam contra as injustiças degenerativas da criação. É a voz que lembra ao homem a razão de ter sido colocado como o mordomo da terra. É o testemunho das Escrituras a respeito da avaliação final de Deus em relação a tudo quanto Ele havia criado.

²⁹ Idem, 2026, p.14.

³⁰ SANDLIN, 2016, p.7.

³¹ Idem, 2016, p.14.

E para preservar o estado de “muito bom” da criação, constituiu o homem como mordomo dela, dando-lhe a capacidade e a responsabilidade de governar e cuidar da terra – isso é chamado de Mandato Cultural. “O relacionamento prescrito por Deus para a humanidade e a criação é de interesse, cuidado e cultivo ativos e perpétuos”³² dentro dos limites preestabelecidos por Ele. Podemos dizer que a primeira ordem que Deus deu ao homem é de responsabilidade ecológica.

À luz disso, a Igreja tem o papel missional de propagar que um relacionamento inadequado com o meio ambiente provocará danos mútuos – à natureza e aos seres humanos. Se ferirmos o meio ambiente ele também nos ferirá. Se cuidarmos dele, ele também cuidará de nós. Fomos feitos de tal maneira que existe uma interdependência na criação. O ser humano jamais viverá bem se o ambiente estiver mal. A nossa sobrevivência depende do cuidado adequado do meio ambiente, e inclusive, nós somos parte integrante do ecossistema.

A igreja tem o papel missional de ser a voz dos que não têm voz nem vez. Mais do que isso, ela não deve se conformar e nem normalizar o convívio num ambiente poluído. Em todos os lugares onde os cristãos habitam deveria representar uma miniatura do Jardim, a começar pelas nossas casas. Elas precisam ser uma miniatura do Jardim e não a representação da Queda e do caos. Do mesmo modo, a Igreja deve representar a Renovação e não a degradação da criação. Mas lamentavelmente, em muitos casos a igreja está instalada numa comunidade com fortes índices de injustiça ambiental, em que o lixo é depositado indiscriminadamente e ela nada diz a respeito e nem faz algo para reverter a situação.

E quando a Igreja está situada em ambientes repletos de injustiças sócio-ambientais e não exerce a sua voz profética mas se acomoda e se cala, então ela legitima essa prática e se torna conivente no processo de degradação da sociedade e do ambiente praticados em tal lugar. Por isso, ela precisa reconhecer a sua responsabilidade de cuidar e propagar a importância do cuidado ambiental antes de esperar qualquer intervenção do Governo/Estado. Pois, é ela e não o governo que é a reserva moral da sociedade. Ela é uma comunidade regenerada.

³² Idem, 2016, p.8.

A igreja precisa ser a voz que ecoa para o retorno ao Jardim e não a voz que incentiva e propaga o caos da criação divina. O ser nova criatura implica em ser um homem novo com novas perspectivas sobre o cuidado da criação. Cuidar da criação não significa não usar os seus recursos, antes, significa usá-los de maneira equilibrada e sustentável. O cuidado do meio ambiente expressa o nosso interesse pelo resgate do Jardim. Aponta para a restauração da missão do homem, de ser o mordomo do Jardim de Deus.

A Igreja é a comunidade do Éden renovado, portanto, precisa eliminar os espinhos das injustiças ambientais para salvaguardar a beleza do Jardim. Deus chama a Igreja para ser a contracultura da cultura popular, para ser voz dissonante das vozes que apelam sutilmente pela exploração desmedida da natureza em nome do lucro. Deus em sua bondade propôs-se em restaurar a sua criação, e portanto, a igreja deve se opor à todo tipo de exploração injusta do ambiente. Reiteramos que a promoção da justiça ambiental não é papel fundamental do Estado – é papel da igreja, pois ela é a guardiã do Jardim.

A igreja precisa ser corajosa para fazer frente a todos os tipos de sistemas de opressão e estruturas que promovem injustiças socioambientais.

“A justiça de Deus, é encarnacional e precisa modelar a nossa vivência testemunhal a partir de um compromisso com os pequenos, os pobres e os vulneráveis... Deus é o Deus da justiça e disso nós precisamos para viver. A justiça de Deus não é um mero conceito, mas se torna realidade na vida de Jesus e na relação deste com os pobres e oprimidos, chamando-os para a experiência da restauração e libertação. A justiça de Deus é transformadora.”³³

O povo de Deus tem a vocação não só de experimentar a justiça de Deus, mas de se tornar o canal através do qual essa justiça se propaga no mundo. A justiça de Deus anda de mãos dadas com o seu amor. Portanto, “a redenção provida por Cristo deu início a um novo tempo, a uma era de cicatrização global e de reversão da maldição.”³⁴ Jesus Cristo é o nosso modelo de justiça. Jesus sempre defendeu os marginalizados.

³³ STEUERNAGEL, Valdir. **A Justiça Como Marca Da Missão**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). *O Deus da Justiça e a Justiça de Deus*. Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020, p.244,5.

³⁴ SANDLIN, 2016, p.15.

Ele não oprimiu, ele libertou, deu descanso aos cansados, curou os feridos, deu saúde aos doentes e nos ensinou que Deus também se importa com as aves e com as plantas do campo, e portanto, cuida da sua criação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o conceito de *missio Dei* é fundamental para a Igreja compreender o seu papel missional. Se a Igreja estiver assentada sobre os fundamentos corretos também terá uma cosmovisão correta. Deus está a redimir toda a sua criação e, a igreja tem o privilégio não só de ser parte da criação e da redenção, mas também de ser um canal de redenção da criação.

A igreja, dentro do seu papel missional precisa promover a justiça ambiental porque ela é “nova criação” – a miniatura do Jardim restaurado; o princípio do cuidado da criação permanece o mesmo; a nossa sobrevivência depende da sobrevivência da natureza; os mais prejudicados nas questões ambientais são os grupos da periferia, os marginalizados e excluídos sociais e a igreja precisa emprestar a sua voz em favor dos que não têm voz.

A criação glorifica menos a Deus por causa das ações predatórias do homem, por isso, a igreja deve estar na linha da frente na luta contra a injustiça ambiental e desigualdade social, e não deve depender de programas dos governos para ser ecológica. Pelo contrário, é ela que deve pressionar o governo a pautar por práticas saudáveis de preservação e cuidado ambiental. E ao mesmo tempo, ela deve usar a sua voz para denunciar as instituições ou grupos que pautam por uma conduta ecológica que prejudica a criação e ameaçam a continuidade das espécies, porque “a justiça de Deus, revelada no evangelho, existe para preservação da vida e para o serviço amoroso ao próximo.”³⁵ E “o amor é o princípio de justiça.”³⁶

³⁵ QUEIROZ, Carlos. **A Justiça de Deus em Jesus**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus – Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020, p.121.

³⁶ TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. Editora cristã novo século, S.P, 2004, p.52.

Por outro lado, a correta compreensão da teologia da missão deve deixar a igreja descansada sem se tornar relaxada. O facto de saber que a causa de Deus triunfará no final de tudo deve deixar a igreja descansada diante de um mundo em que o seu curso aparentemente aponta para a degradação irreversível. E por saber que a causa de Deus triunfará, a igreja deve empreender todos os seus recursos ministeriais em benefício do triúnfo da criação. Porque o fim da história não é o caos da criação mas a sua restauração. Mesmo que a igreja esteja num mundo decaído, os sinais da redenção são visíveis em toda a criação.

A correta compreensão da *Missio Dei* muda a visão apocalíptica da igreja, a medida que ela passa a entender que o Apocalipse não é a história do medo do fim, mas a história da alegria do recomeço. Não é a história da destruição, é a história da restauração. Não é a revelação de Satanás, é a revelação de Jesus Cristo. Não é a história de como tudo começa, é sobre como tudo termina. Não é sobre como o mal se instala, é sobre como o bem vence o mal. Isso devolve a esperança e uma perspectiva de vida muito melhor.

Onde quer que o cristão esteja e o que quer que ele seja chamado a fazer deve encarar sempre na perspectiva da Missão. Portanto, a compreensão da *missio Dei* desafia a igreja para um estilo de vida transformacional. A questionar todos os dias sobre como ela pode ser um agente de restauração e bênção nas circunstâncias em que se encontra, porque o senso de utilidade e propósito da igreja só faz sentido à medida que ela se alinha à vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Scott David. **Por que a justiça social não é a justiça bíblica**: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social. São Paulo: Vida Nova, 2022.

ACSELRAD, Henri. **Justiça Ambiental e Construção Social do Risco**. Artigo.

BEZERRA, Ana Keuly Luz. **Justiça Ambiental**: História e desafios. 2018

BOSCH, David J. *Missão Transformadora*: mudanças de paradigma na teologia da missão. 4ª Ed., São Leopoldo: Sinodal, 2009.

GOHEEN, Michael W. *A Igreja Missional na Bíblia*: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2014.

IORIS, Antônio Augusto Rossotto. **O Que é Justiça Ambiental**. Resenha

KELLER, Timothy. *Igreja Centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014

LIBARDONI, Marlene. **Fundamentos Teóricos e Visão Estratégica da Advocacy**. Revista Estudos Feministas, v. 8, n o 2, 1999

LIDÓRIO, Ronaldo. *Missiologia Teocêntrica e Trinitária*: Observando a missiologia de Gisbertus Voetius e suas aplicações para os nossos dias. Artigo.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou Colonização*: o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

QUEIROZ, Carlos. **A Justiça de Deus em Jesus**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus – Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020.

SANDLIN, P. Andrew. **O cuidado com a Criação**: uma visão cristã do meio ambiente. Ed. Monergismo, Brasília, 2016.

STEUERNAGEL, Valdir. **A Justiça Como Marca Da Missão**. In: STEUERNAGEL, Valdir (Edit.). O Deus da Justiça e a Justiça de Deus. Viçosa, MG, Ed. Ultimato. 2020.

TILICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**: análises ontológicas e aplicações éticas. Editora cristã novo século, S.P, 2004.

VICEDOM, Georg. *A missão como obra de Deus: introdução a uma teologia da missão*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

WRIGHT, Christopher J.H. *A Missão de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. *A Missão do Povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova: Instituto Betel Brasileiro, 2012.

_____. *As Cinco Marcas da Missão*: fazendo nossa a missão de Deus. Publicado por im:press, 2015.